

RESILIÊNCIA E EMPODERAMENTO: NARRATIVAS DE UMA MULHER NEGRA NA MILITÂNCIA CONTRA O RACISMO

Vanda Moreira Machado Lima

Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP, Brasil.

E-mail: vanda.mm.lima@unesp.br

Lucas Silvestre dos Santos

Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP, Brasil.

E-mail: ls.santos@unesp.br

RESUMO

Este artigo visa analisar e refletir sobre a trajetória de Ivonete Aparecida Alves, enquanto militante do movimento negro, mulher negra, educadora social e de relevância nas questões étnico-raciais no município de Presidente Prudente. Constitui-se resultado de uma pesquisa ampla que surgiu em 2023 da parceria entre o Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão do campus de Presidente Prudente e de Rosana. Desenvolve-se a entrevista temática que se fundamenta na História Oral. Narrar as vivências de uma mulher negra, como Ivonete faz parte de uma escolha política de nosso grupo de pesquisa, que visa inspirar e provocar em cada um de nós reflexões e ações, evidenciando a importância de resistir, se posicionar e enfrentar as adversidades impostas pelo racismo estrutural. É necessário valorizar a negritude, respeitar nossa história, nosso legado cultural, nossos saberes ensinados pela herança ancestral, potencializar as vozes negras e prosseguir na luta por uma sociedade justa, democrática, emancipatória, crítica e equitativa.

Palavras-Chave: Resistência; Racismo; História Oral.

RESILIENCE AND EMPOWERMENT: NARRATIVE OF A BLACK WOMAN IN THE STRUGGLE AGAINST RACISM

ABSTRACT

This paper aims to analyze and reflect on the trajectory of Ivonete Aparecida Alves, as an activist in the Black movement, a Black woman, social educator, and influential figure on ethnic-racial issues in the city of Presidente Prudente. It is the result of an extensive research that emerged in 2023 from the partnership between the “Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão/Center at Unesp for Research and Extension (NUPE)” at the Presidente Prudente and Rosana campuses. The research develops a thematic interview based on Oral History. Narrating the experiences of a Black woman like Ivonete is part of our research group's political choice, aiming to inspire and provoke reflection and action in each of us, highlighting the importance of resisting, taking a stand, and confronting the adversities imposed by structural racism. It is necessary to value Black identity, respect our history, our cultural legacy, and the knowledge taught through ancestral heritage, to amplify Black voices, and to continue the struggle for a just, democratic, emancipatory, critical, and equitable society.

Keywords: Resistance; Racism; Oral History.

RESILIENCIA Y EMPODERAMIENTO: NARRATIVAS DE UNA MUJER NEGRA EN LA MILITANCIA CONTRA EL RACISMO

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar y reflexionar sobre la trayectoria de Ivonete Aparecida Alves, como mujer negra, militante del movimiento negro, educadora social y figura de relevancia en los temas étnico-raciales en el municipio de Presidente Prudente. Constituye el resultado de una amplia investigación que surgió en 2023, a partir de la colaboración entre el Núcleo Negro de la Unesp para Investigación y Extensión del campus de Presidente Prudente y del campus de Rosana. Se desarrollaron entrevistas temáticas basadas en la Historia Oral. Narrar las experiencias de una mujer negra como Ivonete, forma parte de la elección política de nuestro grupo de investigación, que tiene como objetivo inspirar y provocar reflexiones y acciones en cada uno de nosotros, destacando la importancia de resistir, posicionarse y enfrentar las adversidades impuestas por el racismo estructural. Es necesario valorar la negritud, respetar nuestra historia, nuestro legado cultural, nuestros conocimientos enseñados por la herencia ancestral, potenciar las voces negras y continuar la lucha por una sociedad justa, democrática, emancipadora, crítica y equitativa.

Palabras Clave: Resistencia; Racismo; Historia Oral.

INTRODUÇÃO

Este artigo resulta da pesquisa “Formação crítica nas questões étnico-raciais na Escola pública: articulando teoria e prática¹”, que surgiu em 2023 da parceria entre o Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão (NUPE) do campus de Presidente Prudente e de Rosana, tendo como objetivo geral contribuir para a formação crítica e reflexiva dos educadores e educandos, num panorama da valorização da História e Cultura Afro-Brasileira fundamentada pela Lei nº 10.639/03, mediante pesquisas (documentais e empíricas) e vivências.

A pesquisa se estruturou em quatro fases. Inicialmente em 2023 realizamos a fundamentação teórica da investigação, a partir de leituras e discussões coletivas de autores relevantes na temática racial, como Sílvio de Almeida, Djamila Ribeiro, Cida Bento, Nego Bispo e outros. A segunda fase se constitui da construção e vivência de um roteiro de afroturismo, com o objetivo de imersão na cultura afro-brasileira, tivemos a participação de 25 pessoas². O afroturismo ocorreu de 29 de maio a 02 de junho de 2024, passando pelo Quilombo Ivaporunduva em Eldorado (SP), o Museu Afro em São Paulo, um tour guiado pela Vila da Liberdade em São Paulo (SP), visita ao Santuário Nacional de Umbanda em

¹ Essa pesquisa foi financiada pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, no Edital PROEC nº 01/2023, Projetos de Extensão Universitária “Vamos transformar o mundo”, Alínea A - Transformação socioeconômica e sustentabilidade, no período de julho/2023 a dezembro/2024 com a participação de 4 bolsistas de graduação.

² Das 25 pessoas, quatro eram professoras da Unesp, uma professora da Educação Básica, uma representante da SEDUC e 18 estudantes de graduação dos cursos de Pedagogia, Geografia, Educação Física, Turismo e Engenharia, e um estudante de pós-graduação.

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, Volume Especial “Ocupação Preta: a história de um é a narrativa de todos”, pg. 122-145, mar/2025.

ISSN: 2176-5774

Santo André (SP) e ao Terreiro de Candomblé Nação Angola, Inzo Tumbansi em Itapecerica da Serra (SP). A terceira fase abordou a intervenção pedagógica em duas escolas públicas municipais com atividades relacionadas à temática racial. E a última fase, apresenta seis histórias de vidas de pessoas negras, sendo três do município de Presidente Prudente e três de Rosana.

Este artigo é um recorte desta pesquisa e visa analisar e refletir sobre a trajetória de Ivonete Aparecida Alves - uma das entrevistadas de Presidente Prudente - enquanto mulher negra, militante do movimento negro, educadora social e com atuação relevante nas questões étnico-raciais no município.

O artigo se estrutura em quatro tópicos. Inicialmente descreve-se o desenvolvimento da entrevista temática que se fundamenta na História Oral. O segundo tópico aborda a história de vida de nossa narradora articulando momentos pessoais, acadêmicos e profissionais. O terceiro tópico destaca a presença do racismo e o seu atravessamento na vida de Ivonete. E no quarto ressalta-se as lutas e resistências nas mais diversas esferas sociais ao longo de sua trajetória de vida.

HISTÓRIA ORAL COMO METODOLOGIA

Neste artigo, buscamos analisar e refletir a trajetória de Ivonete enquanto militante do movimento negro e educadora social por meio da História Oral enquanto procedimento metodológico. Meihy e Ribeiro (2011) afirmam que a história oral apresenta diferentes gêneros na entrevista, como: história oral de vida, temática, testemunhal e tradição oral. Priorizamos a entrevista temática que utiliza o recurso de roteiros que delimitam os temas a serem abordados no desenvolvimento da entrevista. Organizamos o roteiro em quatro eixos centrais, a saber: história de vida da narradora, processo formativo que nos auxilia a compreender sua narrativa, momentos marcantes envolvendo o racismo e as perspectivas de luta para a construção de uma sociedade antirracista.

Assim, nos dispormos discorrer sobre as memórias compartilhadas, porém, temos consciência da complexidade desse ato, afinal, “o passado apresenta-se como um vidro estilhaçado de um vitral antes composto por inúmeras cores. Buscar recompô-lo em sua integridade é tarefa impossível. Buscar compreendê-lo através da análise dos fragmentos é desafio possível de ser enfrentado” (Delgado, 2003, p. 13 e 14).

A especificidade da História oral, como método, se apresentou de maneira enriquecedora em nossa pesquisa, pois conforme afirma Delgado (2003, p. 10) a História

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, Volume Especial “Ocupação Preta: a história de um é a narrativa de todos”, pg. 122-145, mar/2025.

ISSN: 2176-5774

oral “orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro”.

Nesse exercício, faz-se necessário uma sensibilidade, num escutar atento e cauteloso, haja vista que partimos da oralidade, que traz em suas narrativas um misto de versões e fragmentos imbuídos de significados e sentimentos. Bosi (2003, p. 49) destaca que “o depoimento oral, ou escrito necessita esforço de sistematização e claras coordenadas interpretativas”.

Assim, intuindo e valorizando as conexões estabelecidas entre os pesquisadores e a nossa narradora, partindo sempre da premissa da ética na escuta, detalhamos ao máximo no processo de transcrição e análise o discorrer da narrativa, buscando captar a essência do que foi narrado, afinal, mais que apenas transcrever as palavras, buscamos apresentar e refletir o silêncio, as pausas, as emoções surgidas e as entonações. Considerando que nas palavras de Rovai (2013, p. 134) a história oral “mantém os olhos, ouvidos e espírito atentos ao relato do trauma, entendido aqui como ferida aberta na alma e no corpo por acontecimentos muitas vezes indizíveis”.

No que concerne às pesquisas nas temáticas raciais:

A História Oral tem sido importante para a análise da história negra no Brasil e na diáspora [...] que buscam a oralidade e o registro simbólico do cotidiano na experiência e vida de diferentes indivíduos e coletividades para evidenciar a experiência do racismo e as estratégias de resistência e consciência da opressão de classe e raça (Oliveira, Borges, 2023, p. 14).

A escolha de Ivonete se deve a seu letramento racial, consciência política e crítica da situação do povo negro, assim, na entrevista de história oral nosso objetivo não foi “de dar voz ao narrador, mas oferecer-lhe ouvidos e olhos atentos, uma vez que nem tudo pode ser descrito ou nomeado explicitamente” (Rovai, 2013, p. 142). Ivonete nos recebeu em sua casa com muita alegria e disponibilidade de nos ensinar. Uma casa que foi e é palco de muitas histórias, projetos, ações formativas para o povo negro prudentino. Foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como as etapas da pesquisa e a intenção de publicização deste material.

Durante o desenvolvimento da entrevista utilizamos o gravador e, posteriormente, realizamos a transcrição com o auxílio do *software TurboScribe*. Após esse processo e a análise, foi elaborado este artigo e enviado a narradora para apreciação, conforme ela havia solicitado, e somente após sua devolutiva foi submetido para publicação.

NARRATIVAS DA HISTÓRIA DE VIDA DE UMA DOUTORA NEGRA

Ivonete nasceu em 1966, na data de nossa entrevista, encontrava-se com 57 anos e iniciou nossa conversa afirmando que seu nome, na verdade, é um nome de escravizada.

[...] eu tenho esse nome, que é Ivonete Aparecida Alves. E eu sempre brinco que é um nome de escravizada, né? Esse não é o nome da minha família originária. A minha família africana não teria esse nome, teriam outro nome. Então, isso já é uma coisa marcante quando a gente tem essa consciência. (Ivonete, 2024).

Seu pai queria chamá-la de Ivone, devido uma amiga cigana, sua mãe propôs que o nome fosse Ivonete para não ficar igual ao da cigana. O nome Aparecida vem da devoção da mãe em Nossa Senhora Aparecida e o Alves vem da família do pai e da mãe. O pai era da Bahia e a mãe era de São Paulo, mas os avós maternos de Ivonete também eram baianos.

E aí, ficou esse nome que no começo era muito complicado pra mim. Eu queria mudar, queria ir atrás, que era um nome que eu dizia que não representava a minha ancestralidade, mas representa uma ancestralidade mais próxima. Se for o caso, eu mudo depois. Agora já não tenho essa preocupação. (Ivonete, 2024).

A fala de nossa narradora nos provoca a reflexões sobre os nomes e sobrenomes na constituição das famílias afro-brasileiras. Uma prática comum no Brasil escravagista era de os senhores batizarem os africanos e colocarem nomes e sobrenomes cristãos neles. Fato que culminou no apagamento histórico dos nomes africanos em território brasileiro. Segundo Patrício e Martins (2002, p. 45) renomear os africanos que chegavam às colônias envolvia um aspecto cultural quanto psicológico, pois “retirar o nome de origem daqueles indivíduos e dar-lhes outros nomes, a partir dos valores europeus também era uma forma de retirar daqueles sujeitos suas identidades [...] suas individualidades”.

Em relação aos sobrenomes dos africanos escravizados rebatizados, não há consenso, pois alguns pesquisadores defendem a ideia:

[...] de que os escravizados adotavam os sobrenomes das famílias dos seus senhores durante o período de cativo ou os adotavam quando libertos [...] já outros refutam essa hipótese dizendo que os senhores das fazendas não disporiam livremente seus sobrenomes, seus patronímicos, de bom grado. Em última instância, ainda, há a parcela que aponta que os próprios

escravizados não queriam os sobrenomes daquelas pessoas (Álvarez López, 2015 apud Patrício, Martins, 2002, p. 46).

Não há uma certeza da origem dos nomes e sobrenomes, mas de fato esse processo contribuiu para o apagamento histórico e cultural daquele povo. De tal modo, a busca pelas origens africanas é um grande desafio contemporâneo. Após a promulgação da Lei Áurea em 1888, a “falsa abolição”, Rui Barbosa, na época ministro da Fazenda, ordenou a queima de documentos relativos à posse de escravos, como livros de matrícula, documentos tributários e aduaneiros que traziam parte da história e identidade dos membros da diáspora africana (Alessi, 2019).

O intuito de Barbosa, segundo historiadores, foi evitar que os ex-senhores de escravos conseguissem pedir indenização após a libertação dos cativos - o que teria um efeito desastroso para as finanças do país. O efeito colateral foi apagar boa parte dos dados disponíveis sobre pessoas escravizadas no Brasil, diferentemente do que ocorre nos Estados Unidos, onde o Governo possui os arquivos relativos a essa fase brutal de sua história. (Alessi, 2019, p. 1).

A história de apagamento no Brasil é apenas uma das cicatrizes deixada pelo processo desumano de escravização de africanos. Ivonete compartilha um pouco de suas vivências e reflexões, conta-nos um pouco da história de sua família, seus pais e toda a família trabalhavam na roça como boias-frias, por isso, ela afirma ser “uma mulher da roça”, visto que vivenciou essa realidade durante a infância e a adolescência. Atualmente³ é artista plástica que trabalha com artes negras inspiradas em originais africanas, indígenas, brasileiras e em artistas negros. Faz peças em cerâmicas, grafite, além de criar obras de arte utilizando tecido e materiais recicláveis. Cultiva plantas e faz experimentações com tinturas naturais a base de elementos da natureza e é Agbá de um Mocambo.

Nossa narradora tem uma origem familiar humilde, para ela, o estudo foi visto como uma das únicas possibilidades de conseguir uma ascensão social e econômica. Desse modo, estudou no Colégio Agrícola e se especializou em Agricultura Orgânica e Educação Ambiental. Atuou como professora no Centro Educacional de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETPS) (1987/1988) e trabalhou na Empresa Folha da Manhã (1998). Foi educadora ambiental na Fundação Estadual do Bem Estar do Menor de São Paulo (FEBEM) de 1998 até 2002, atuou na Fundação "Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel" (FUNAP) entre

³ Informações fundamentadas no site <https://projetoafro.com/artista/ivonete-alves/>. Acesso: 07.out.2024. *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, Volume Especial “Ocupação Preta: a história de um é a narrativa de todos”, pg. 122-145, mar/2025.*

2006 e 2007, no Centro de Direitos Humanos "Evandro Lins e Silva" (2009/2010) e em 2011 atuou na Fundação Nacional de Artes (FUNARTE).

O percurso acadêmico de Ivonete constitui-se em uma exceção à população negra no Brasil, ainda mais no momento vivido. Ela fez graduação em Comunicação Social na Unesp/Bauru (1993), graduou-se também em Licenciatura em Pedagogia na Unesp/Presidente Prudente (2008), cursou Mestrado em Educação na Unesp/Presidente Prudente e defendeu sua dissertação intitulada "Educação Infantil e relações étnicas e raciais: pele negra e cabelo crespo nas escolas públicas e sua tradução nos trabalhos acadêmicos" (2017) e doutorado em Educação na Unicamp/ Campinas com a tese "Mulheres Negras sankofando no Mocambo Nzinga" (2022).

Em abril de 2024 publicou o livro "Malungas numa tese" pela Appris Editora, resultado de sua tese de doutorado. Foi bolsista CAPES no mestrado e no doutorado. Atualmente participa do grupo de pesquisa Diferenças e Subjetividades em Educação (DIS) do Departamento de Psicologia Educacional da Unicamp.

O crescimento acadêmico de Ivonete, do curso técnico ao doutorado, evidencia sua luta e sua competência, mas também nos possibilita ponderar alguns fatores que têm contribuído para a ampliação das pesquisas sobre as relações étnico-raciais, como "as contribuições das instituições nacionais e internacionais de fomento às pesquisas, as políticas públicas de ações afirmativas impulsionadas em 2003, que culminaram com o acesso de estudantes e professores negros e negras". (Reis, Lima e Nascimento, 2019, p. 122).

Ivonete, em sua narrativa defende a articulação entre o pensar e o fazer, em suas reflexões essa ação se fortalece no sentido de pressionar, cobrar os responsáveis, tomar uma atitude, fazer algo, transformar, melhorar a nossa sociedade.

Porque a educação você tem que fazer, você tem que mudar o trem. E você tem que ir lá. Está dando errado na escola, vai ver o que está dando errado. Não tem escola na zona rural, mas por que não tem escola? [...] E aí você entra na sala do prefeito e ele vai aprovar o projeto, porque ele tem medo da gente. Não é porque ele quer, é porque ele fica com medo. Porque aí você junta mais aquele monte de professora, leva todo mundo para lá. Ele não vai falar não, não tem como [...] Então é isso, tem que fazer. (Ivonete, 2024).

O conhecimento e a postura crítica tornam Ivonete uma militante que discute, reflete, mas que principalmente age, na busca de transformar. E nessa articulação entre o pensar e agir que surge em 2009 o Grupo Cultural Nzinga AfroBrasil Arte, Educação e

Cultura que mais tarde se transforma no “Mocambo APNs⁴ Nzinga AfroBrasil Arte Educação Cultura”, que atua dentro da perspectiva da educação afrocentrada, construindo obras de arte e estética de inspiração étnica afro com crianças, jovens e adultos. O Mocambo é um projeto extraordinário que envolve toda a comunidade, articula o pensar e o fazer, e enfatiza e valoriza a cultura africana e afrobrasileira.

Para sua atuação comunitária, o Mocambo busca captação de verbas por meio da participação de editais federais, estaduais e municipais com o objetivo de divulgar o trabalho e conseguir materiais para as atividades, sua sede está localizada no bairro Jardim Cambuci, um bairro periférico, em Presidente Prudente/SP. Em sua narrativa, Ivonete conta um pouco das dificuldades enfrentadas no início desse projeto:

A gente não tinha internet. Tinha computador, mas não tinha internet aqui. Aí eu escrevia, digitava, botava no pendrive. Ia lá na lan house do centro para poder fazer pesquisa e escrever. E surpreendentemente, foram 300 e tantas inscrições. E eram 12 para serem contemplados. A gente conseguiu o recurso da Palmares, do Ministério da Cultura. E aí foi um diferencial. A gente chegou a ter 40 e tantas crianças aqui. (Ivonete, 2024).

Com a formação do “Mocambo APNs Nzinga AfroBrasil Arte Educação Cultura” e a aprovação do Edital Palmares, Ivonete passou a participar de eventos e conferências, com acesso a muitos pesquisadores e autores que discutiam as questões étnico-raciais. Nota-se que o processo formativo da Ivonete foi um amálgama de estudos, leituras, discussões e reflexões, mas principalmente as atividades desenvolvidas no Mocambo e o contato direto com a comunidade.

Atuou na presidência da Conferência Municipal de Cultura, pois como ela nos conta, era necessário fazer a conferência para o município entrar no Sistema Nacional de Cultura, caso contrário não receberia verbas do Ministério da Cultura. Participou também da Conferência Estadual de Cultura e da Conferência Nacional de Cultura Afro-Brasileira em 2010.

E era o governo Lula, né? Eu queria conhecer o Lula, queria saber qual era a dele, pessoalmente, porque só pela imprensa você escuta o que os outros falam. E aí eu fui pra Conferência Nacional de Cultura Afro-Brasileira em 2010. Foi uma burocracia enorme. (Ivonete, 2024)

⁴ APNs é a sigla para Agentes de Pastoral Negros e Negras.

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, Volume Especial “Ocupação Preta: a história de um é a narrativa de todos”, pg. 122-145, mar/2025.

Durante a participação na conferência nacional, Ivonete foi convidada para ingressar no Movimento Negro Unificado (MNU), e descreve esse momento: “E eu ficava na dúvida, eu já era afiliada ao PT e o MNU é vinculado com o PSOL [...] Mas aí eu fui conversar com esse pessoal do MNU que tem uma experiência muito maior do movimento negro articulado do que a gente”. (Ivonete, 2024).

O Movimento Negro Unificado surge em São Paulo no dia 6 de junho de 1978 e posteriormente foi se organizando nacionalmente, criando conexão com vários militantes, tornou-se um foco de resistência contra o racismo, além de “ocupar o espaço público para estabelecer reivindicações políticas, sociais e culturais” (Oliveira, Borges, 2023, p. 09).

Ivonete narra sua participação no grupo de pesquisa em 2012, apresentando a sua intencionalidade na época, que era entrar no mestrado e afirmando a necessidade de ler e estudar muito sobre as questões raciais, narra que seu pensamento era:

[...] eu tenho que voltar a fazer uma disciplina na pós-graduação pra entender como é que funciona esse negócio, porque eu não vou ficar prestando processo seletivo sem entrar. Fui assistir às aulas. E tinha um pessoal muito bacana na disciplina, tinha um povo do movimento negro [...] tinha outras pessoas com a cabeça legal, no grupo de pesquisa. Aí fui eu para o grupo de pesquisa discutir aquele monte de textos [...] Eu falei, meu Deus, eu vou ter que estudar esse trem. [...] vou estudar esse negócio. Deixa aqui. Vou ler. É melhor não sofrer. Ler isso aqui e estudar. Aí fui. Fui estudar, fui ler. (Ivonete, 2024).

O grupo se apresentou como um espaço que acolhe e fortalece a formação acadêmica, bem como a militância de nossa narradora e após muitas tentativas, ela ingressou no mestrado.

[...]entre USP e UNESP, eu prestei 23 processos seletivos. Em 2009, eu estava “desalentada”. Porque tudo que eu tinha pesquisado, tudo que eu tinha trabalhado, tudo que eu tinha estudado e não tinha passado no mestrado. Estava sem emprego, sem trabalho, sem estudo, sem dinheiro, sem nada. (Ivonete, 2024).

No seu percurso acadêmico na FCT, tanto na graduação em Pedagogia como no mestrado em Educação, vivenciou muitas situações de racismo e diversos momentos que pensou em desistir, isso reflete que “o racismo não implica apenas privação material e de direitos, mas também afeta o que há de mais subjetivo: a capacidade de visualização das próprias potencialidades” (Almeida, 2021, p. 301). O fortalecimento da autoestima, da

compreensão de sua capacidade e competência foram fundamentais para a continuidade do percurso acadêmico de nossa narradora.

Nesse período, Ivonete nos conta que, Thais Teles, na época, aluna da Geografia, iniciava as discussões para formar o Coletivo Mãos Negras dentro da universidade, uma iniciativa de estudantes negros que sentiam a necessidade de articular essa discussão na academia. Posteriormente, com a conclusão da graduação da Thais e seu retorno para São Paulo, Ivonete assume a coordenação do coletivo.

As meninas do Coletivo Mãos Negras [...] tinha muita gente na época. Elas fizeram uma eleição e me elegeram como coordenadora do Coletivo Mãos Negras. Falei, gente, mas eu já tenho uma instituição que só dá prejuízo, vocês vão me arrumar mais outra? Aí, o que eu fazia? Fazia o trabalho aqui (no Mocambo), final de semana, e ficava de segunda a sexta na FCT. Eu ia de manhã com café, chá, botava lá no NAPEG, que a gente conquistou também, porque a gente fazia reunião no Eucalipto⁵, né? (Ivonete, 2024).

Ivonete descreve as dificuldades da militância no ambiente universitário, as reuniões improvisadas nas praças do campus, seu desdobramento entre o Mocambo e o Coletivo Mãos Negras. Com o ingresso no mestrado passou a participar de eventos que discutiam as temáticas raciais, visto que não tinha professores que pudessem orientar especificamente nas questões étnico-raciais, relata: “como não tinha ninguém pra me orientar com relações étnico-raciais, eu tinha que viajar. Então, eu ia pro Copene, entrei na ABPN que é a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros e Negras” (Ivonete, 2024). Nesses eventos foi conhecendo pesquisadores relevantes como Kabengele Munanga e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e se formando, aprendendo, crescendo e se politizando.

Todavia, as dificuldades financeiras sempre estiveram presentes em sua história de vida. Ela conta que numa dessas viagens para congressos, “não tinha dinheiro pra nada, gente. Eu fui só com o dinheiro do ônibus, com a passagem parcelada, com um pouquinho de dinheiro, fiquei num alojamento junto com aquele monte de moleque, menina, com aquela bagunça danada”. (Ivonete, 2024).

Outro momento marcante em sua formação, foi quando conheceu Paulo Freire num evento da Fundação do Desenvolvimento da Educação, nos relata entre sorrisos:

Quando eu conheci aquele velhinho barbudo, eu falei: esse é o cara! Nunca tinha lido nada dele, esse é o cara! Aí comecei a estudar, gravei a palestra,

⁵ Eucalipto, ou rua dos eucaliptos, é uma pequena praça localizada num caminho de estudantes próximo ao discente IV, bloco de aulas do curso de Geografia, na FCT UNESP.

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, Volume Especial “Ocupação Preta: a história de um é a narrativa de todos”, pg. 122-145, mar/2025.

fiz a transcrição [...] eu escolhi, ler, estudar e trabalhar com Paulo Freire. [...] Descobri que tinha muita gente que falava que era freiriana, mas nunca tinha lido nenhum livro dele inteiro. E eu já tinha lido as 36 obras dele que estavam publicadas. [...] Existem trechos onde ele trata de antirracismo, mas não dá o projeto de como é que você avança. (Ivonete, 2024).

Conhecer Paulo Freire foi um evento marcante na vida de Ivonete, e ela descreve a visão que Freire tinha da educação e do protagonismo das mulheres:

Quando ele (Paulo Freire) foi para a África, ele já tinha passado por um monte de experiências e de embates. Ele mudou o uso do termo, ele nunca falava professor. Ele sempre falava professora, porque ele dizia que os homens são convidados na educação. Quem coordena a educação são as mulheres. (Ivonete, 2024).

Ela também nos conta a relação estabelecida com a obra de outra autora, muito importante na sua formação, bell hooks. Em sua fala, demonstra sua admiração por esses dois autores e menciona como o contato com a obra de uma mulher negra, norte-americana e autora, como bell hooks, influenciou sua jornada.

É possível encontrar similaridades no pensamento dos dois autores, bell hooks (2017, p. 65) escreve um capítulo sobre seu encontro com Paulo Freire e afirma que “anos antes de conhecer Paulo Freire, eu já tinha aprendido muito com o trabalho dele, aprendido maneiras novas e libertadoras de pensar sobre a realidade social”.

Outra experiência compartilhada pela nossa narradora foi um curso de Afrocentricidade ministrado por ela na universidade junto com o corpo docente e o Coletivo Mãos Negras

[...] eu coordenei sete dos oito encontros dessa formação que foi durante a pandemia, bem no comecinho. Logo que o George Floyd foi assassinado nos Estados Unidos, começou a pular, um monte de casos de racismo que aconteciam na escola e ninguém falava nada. Todo mundo desesperado. Aí a gente ofereceu essa formação pelo Coletivo Mãos Negras. Eu passava a semana estudando pra responder todo mundo que tinha participado do curso. Respondia por escrito, pra todo mundo. Teve uma brasileira vivendo nos Estados Unidos, que fez o curso com a gente, porque lá onde ela estava também não tinha discussão antirracista. Ela era branca e não sabia como é que era no Brasil. Ela nunca tinha estudado racismo aqui, e nem sabia que existia [...] ela veio fazer a formação conosco. Foram 260 pessoas que participaram dessa formação. (Ivonete, 2024).

Esse curso foi uma oportunidade de estudo, de leituras, de trocas, um momento enriquecedor de formação para os participantes e também para Ivonete.

Ao longo de sua narrativa ela nos apresenta diversos espaços de formação política, militância e resistência vivenciadas no percurso pessoal, profissional e acadêmico. Isso se pela busca por reconexão, como afirma Nascimento (2008, p 31), numa reflexão a partir do adinkra da *sankofa* que os pesquisadores negros precisam recomeçar conhecendo a sua história negada, a história dos seus ancestrais, de sua terra, de sua cultura, *sankofa* significa voltar e apanhar de novo aquilo que ficou para trás, aprender com o passado.

O RACISMO E SEUS ATRAVESSAMENTOS: NARRATIVAS PROFISSIONAIS E ACADÊMICAS

O racismo é uma realidade que atravessa o dia a dia das pessoas negras, na sociedade em que vivemos, desde muito cedo o sujeito negro sente na pele o peso dessa violência. Com nossa entrevistada suas vivências não foram diferentes, afinal o culturalismo racista presente na sociedade brasileira se escrutina por meio das atitudes implícitas que o reproduzem (Souza, 2018).

Ivonete, como já apresentado, atuou como educadora na FEBEM, atual Fundação Casa, e esse período foi muito intenso e carregado de episódios marcantes, nos quais o racismo evidenciou uma das suas faces mais cruéis, o da desvalorização da vida da pessoa negra. Em seu depoimento nota-se uma multiplicidade de sentimentos como: a dor, a tristeza, a raiva, a revolta, além de muitos questionamentos.

[...] na FEBEM a questão do racismo imperou, porque a maior parte dos meninos internos eram pretos. E aí eu ficava pensando [...] mas esses meninos não aprontavam sozinhos? Tinha menino branco e por que só os pretos vieram parar na FEBEM? Foi uma coisa que comecei a pensar nisso. (Ivonete, 2024).

Nota-se a representação do encarceramento em massa da população negra, uma política do estado brasileiro que sistematicamente atinge a população negra e periférica. Nas palavras de Silva (2020) essa criminalização traduz:

[...] uma predisposição das classes, sociais e étnicas, mais sujeitas a uma maior exposição e atuação do sistema punitivos formais do Estado e de seus respectivos órgãos repressivos. De tal modo que o estereótipo do criminoso acompanha a tríade: preto, pobre e favelado, retratando o cenário mais vulnerável da população, ao mesmo passo que essa parcela compõe o sistema carcerário nacional. (Silva, 2020, p.40).

Assim, tal como denuncia Ivonete, percebe-se que perante o estado brasileiro, mesmo que “não tenham aprontado sozinhos” a mão que pune, pesa mais sobre eles, os adolescentes negros. Santos e Dias (2016, p. 115) ponderam que é necessário “entender que as práticas violentas de encarceramento da população negra podem ser fruto de um racismo enraizado na sociedade brasileira”.

Na FEBEM a Ivonete era educadora ambiental e tinha contato direto com os jovens que cumpriam medida socioeducativa, lecionando numa unidade unicamente masculina. Ela relata uma rebelião vivenciada na unidade, nesse período as famílias não podiam visitar os internos, e descreve a dor, o sofrimento, bem como, a pressão sentidos por ela, pelos jovens e pelos demais colegas de trabalho, afinal, todos eram impactados pela situação. Relata em sua narrativa, situações extremas de violência, como por exemplo, o suicídio de um colega de trabalho, que na época da rebelião, parou o carro na frente da instituição e atirou na própria cabeça. Nossa narradora se emociona ao contar o episódio da morte do Maguila, um jovem negro, interno da unidade.

Vivi a morte do Maguila. O Maguila foi um menino negro, muito grande e forte. Ele se entregou ao fogo. Os meninos fizeram uma rebelião no Tatuapé, e o Maguila não quis sair do fogo. Ele se abraçou. Ele morreu queimado, consciente de que ia morrer queimado dentro da fogueira, porque dizia que a sociedade precisava saber o que acontecia dentro da instituição. Então ele não saiu. (Ivonete, 2024).

A entrega de Maguila como um mártir em meio à rebelião, nos diz muito sobre a dor e o sofrimento de um jovem negro, encarcerado, num sistema que não preza pelo seu bem estar, sua educação e sua ressocialização, pelo contrário, um aparato que culpabiliza e o desumaniza. Um jovem que se entrega a uma morte dolorosa, com a intenção de denunciar o que acontece no interior da instituição, nos diz muito, de como falhamos enquanto sociedade. E qual é o resultado dessa entrega? Qual é sentimento da sociedade frente à morte de um jovem negro? Quanto a nossa vida, a vida de pessoas negras, importam para essa sociedade?

Ivonete relata que na horta que eles cultivavam, os meninos tentaram algumas rotas de fuga na tentativa de se proteger.

Meus alunos na horta aprenderam algumas rotas de fuga. Então quando explodiu (a rebelião), alguns se esconderam dentro da horta, dentro das caixas de saída de água. Alguns outros conseguiram pegar as ferramentas que estavam trancadas do lado de fora e foi com essas ferramentas que

eles cortaram as cabeças dos colegas. A gente teve oito assassinatos (Ivonete, 2024).

Muitas vezes a violência é um mecanismo de resposta a tantas brutalidades sofridas ao longo da vida. E numa situação extrema, num espaço onde esses sentimentos e sensações são potencializados, o resultado pode ser uma tragédia. A chacina entre os internos, a intenção de Maguila ao se entregar à morte, num protesto, demonstra a gravidade do que está posto, isso nos faz questionar: Quando o estado brasileiro passará a rever suas instituições judiciais e punitivas? Teremos algum dia instituições livres desse racismo judicial?

A atuação profissional no sistema socioeducativo, impactou a vida de nossa narradora, mas também pudera, quem não seria afetado estando imerso num ambiente tão complexo e vivenciando tantas sensações, sentimentos, tantas violências?

No período que Ivonete muda-se para o interior do estado, especificamente para a região do oeste paulista, apesar do ar interiorano, o racismo não deixou de se manifestar. Em Presidente Prudente, Ivonete vivenciou o racismo de outras maneiras. Uma situação relatada foi a desconfiança, por ser negra, de sua capacidade profissional, que culminou na dificuldade de conseguir um emprego, o que resultou em sérias dificuldades financeiras. Ela tinha formação, experiência e um excelente currículo, mas não conseguia trabalho.

Chegando aqui, foi uma loucura, porque eu tinha um currículo muito bom, com uma experiência profissional de formação de professores, na área ambiental, na área da reciclagem, trabalhava um pouco com essa discussão de cultura afrocentrada, mas eu trabalhava com cultura no modo geral, que era algo que eu gostava, [...] aí as pessoas olhavam pro meu currículo. Olhavam pra minha cara e eu via que eles estavam negando. Esse currículo não é dessa pretinha. Sabe aquela coisa? Eu fiz 76 entrevistas de emprego aqui em Prudente, e em todas eu recebi como resposta um NÃO. (Ivonete, 2024)

Sua fala escrutina outra faceta do racismo em nossa sociedade, não importa o quão preparado você seja não importa sua titulação, sua capacidade, sua experiência, a sua negritude sempre chega primeiro. E como caminhar numa sociedade que te julga e te define pela cor da sua pele?

Ivonete relata uma situação vivenciada pela falta de trabalho. Com o dinheiro acabando as dificuldades se intensificaram:

Aí chegou uma hora que o meu dinheiro tinha acabado, eu não tinha mais como pagar aluguel, e aí a gente entrou numa situação de passar fome. Eu fui à feira pra ver se tinha sobra, mas aqui todo mundo leva tudo de volta,

pra galinha, pro porco, não tem xepa, como tem em São Paulo. Em São Paulo você vai no final da feira, você volta com o carrinho cheio, pra sua semana, e aqui não tinha isso. Eu não estava acostumada a pedir, eu nunca tinha precisado pedir comida pra ninguém, mas eu não sabia o que fazer. E a gente tava passando fome, eu e a Lise, aqui nessa cidade. Eu falei, nossa, eu não acredito que depois de veia, com diploma acadêmico eu vou passar por essa situação. (Ivonete, 2024)

Perceber-se sozinha, com uma filha pequena, numa cidade estranha, por si já se apresenta como uma dificuldade imensa a ser superada. No entanto, a sensação de impotência, ocasionada pelo racismo presente neste relato, haja vista que as possibilidades de emprego lhe são restringidas - mesmo tendo qualificação e experiência comprovadas - pelo fato de ser uma mulher preta, ilustra o racismo estrutural, no qual, evidenciam-se mecanismos que cerceiam as possibilidades de acessar determinados espaços, culminando na manutenção de privilégios a uma determinada população, a branca (Almeida, 2021).

Todavia, tal como um ditado *yorubá* que diz: “as pessoas são minha roupa”, expressando a importância da coletividade, da amizade e do estar próximo, ao se enxergar nessa situação de dificuldade, Ivonete destaca a importância dessas amizades, pois é somente junto, somente na coletividade que temos mais forças para enfrentar os infortúnios do racismo.

Me deu um desespero, eu falei, não, mas espera aí, calma. Aí mandei pras minhas amigas. Conteí a história, o que estava acontecendo aqui. Do tanto de entrevistas que eu tinha feito, e que as pessoas simplesmente não me davam trabalho e que tinha acabado o meu dinheiro. Aí minhas amigas se juntaram, fizeram uma vaquinha [...] Mas como estava no vermelho, não poderia receber dinheiro pelo banco. Aí elas fizeram um crédito no Supermercado [...] pra eu comprar comida, pra eu parar de passar fome. Aí consegui comprar comida, uma boa compra pra aquele mês, e aí a gente falou, agora dá pra pensar, vamos planejar. (Ivonete, 2024)

Numa sociedade racista, pessoas negras são mais suscetíveis a enfrentar situações de vulnerabilidade, uma vez que as políticas sociais não são pensadas para elas e o racismo estrutural, tende a reproduzir hierarquias e perpetuar as desigualdades históricas (Almeida, 2021).

Segundo Marques (2022, p. 181) “o racismo estrutural envolve a reprodução de um conjunto de práticas discriminatórias pelas quais se garante que um grupo étnico-racial goze de privilégios em detrimento de outros”. No caso brasileiro, país do continente americano que por mais tempo resistiu a abolir a escravidão, deixando depois os ex-escravizados em

total desamparo, o racismo estrutural aparece bem conjugado à violência simbólica e tantas outras violências, que a população negra sofreu e ainda sofre. (Marques, 2022).

Assim, Ivonete com apoio, após sanar a necessidade primeira de todo ser humano, a fome, traçou novas estratégias na busca de novos caminhos. Com ajuda de uma amiga, proprietária de uma escola de formação, inicia um trabalho, com a capacitação de professores, porém, fora do município. Passa a viajar para dar formação na região metropolitana.

O momento que ingressa no curso de Pedagogia da Unesp, mesmo sendo uma universidade pública, um espaço crítico, com alguns docentes que tinham um olhar mais afetivo e acolhedor, o racismo também se fez presente. Ela apresenta um sentimento de tristeza ao mencionar o que vivenciou, o racismo institucional, que se manifestou desde o início do Curso de Pedagogia.

A gente sabia que tinha racismo, nós fomos impactadas pelo racismo na faculdade. Éramos quatro pretos, numa faculdade, numa sala de 40 estudantes no período noturno [...] No diurno tinha duas pessoas pretas, e a noite só nós quatro. Nós éramos seis que entramos naquele ano. [...] Então, de 80 estudantes que passaram no vestibular da UNESP, nós éramos seis só. (Ivonete, 2024)

A universidade historicamente tem sido um espaço eurocêntrico e de mentalidade colonizada, na qual, as pessoas negras são invisibilizadas e silenciadas. “A condição de criação [...] das nossas universidades, foi colonizada. Nossa elite branca trouxe uma elite acadêmica europeia branca para fundar uma universidade estritamente nos moldes das universidades ocidentais modernas” (Carvalho, 2020, p.84). Assim, fica evidente que historicamente a universidade não tem empenhado seus olhares para a população negra.

Ressaltamos a partir desse depoimento da Ivonete a relevância das cotas raciais nas universidades públicas, uma política que tem aumentado o acesso de pretos, pardos e indígenas e tem sido essencial para a busca da promoção de igualdade e justiça social, numa tentativa de corrigir uma desigualdade histórica e sistêmica que marginaliza a população negra.

A implementação da Lei nº 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas, se apresenta como um marco nessa luta histórica (Brasil, 2012). Ivonete relata em sua trajetória a dificuldade do acesso e permanência enquanto mulher negra no espaço universitário e ao discorrer sobre a atual conjuntura ela faz uma crítica: “É começar a pensar nos editais com seriedade, porque não existe cota na Unesp” (Ivonete, 2024). É importante salientar que sua

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, Volume Especial “Ocupação Preta: a história de um é a narrativa de todos”, pg. 122-145, mar/2025.

ISSN: 2176-5774

afirmação não se coloca no sentido de denunciar o descumprimento da referida Lei, mas sim, da necessidade de se pensar e executar as políticas de ações afirmativas de maneiras efetivas e assertivas, nos demais espaços da universidade, afinal, é preciso se pensar as cotas no todo, não apenas assegurar o acesso, mas garantir a permanência e formação qualificada, que dialogue com essa população que acessa a universidade.

As cotas raciais podem fomentar um espaço acadêmico plural e diverso, contribuindo para o enriquecimento cultural e o combate ao racismo institucional. Tais políticas não beneficiam apenas a população que acessa os espaços por meio delas, mas auxilia na construção de ambientes mais democráticos e multiculturais.

LUTAS E FORMAS DE RESISTÊNCIAS: UM OLHAR MILITANTE

Num país estruturalmente racista como o Brasil, a luta do movimento negro não é algo contemporâneo apenas, ela remonta dos períodos coloniais, onde suor e sangue foram derramados em nome da garantia de direitos que podemos pensar como básicos hoje em dia, mas que não faziam parte da seara da negritude. A resistência do movimento negro é uma expressão de coragem frente às adversidades históricas. O emergir de lideranças se desponta como referências para as novas gerações e essa é uma das, se não a maior importância que Ivonete tem para o movimento negro prudentino, uma referência que se posiciona, fala de sua trajetória, segue na luta e nos convida a refletir e formar novas lideranças.

Nossa narradora nos fala sobre a necessidade de mudar a perspectiva adotada pelo movimento negro: “Porque é besteira ficar discutindo racismo, os brancos vão continuar racistas. O problema é deles, entendeu? (Ivonete, 2024). Sua fala não desqualifica os estudos e problematizações quanto o racismo, mas ela caminha na direção de Cida Bento (2022), que já denunciava o acordo tácito existente entre a branquitude para a manutenção dos seus privilégios, desse modo, sem uma reflexão profunda e o reconhecimento desse pacto racial não há transformação.

É mais que necessário desconstruir o tal pacto e trabalhar por mudanças, mas esse é um caminho que a branquitude, principalmente, deve trilhar, começando por reconhecer seus privilégios e os impactos na desigualdade racial, afinal, o racismo não foi criado por negros. Assim sendo, a fala de Ivonete, não fecha as portas para a presença de pessoas brancas aliadas na luta antirracista. Ela complementa: “É bom que venham! A gente quer muito que venha” (Ivonete, 2024), entretanto, esse vir deve ser sincero para de fato promover uma mudança genuína.

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, Volume Especial “Ocupação Preta: a história de um é a narrativa de todos”, pg. 122-145, mar/2025.

ISSN: 2176-5774

Assim, mais que problematizar o racismo, a valorização das potencialidades negras se faz essencial para a construção de uma sociedade equitativa. As pessoas negras precisam se entender enquanto sujeitos numa perspectiva positiva, desconstruindo estereótipos racistas que são propagados em nossa sociedade. Essa conexão ancestral permite que o sujeito tenha orgulho de sua origem e de sua identidade negra. Afinal, essa postura nos possibilita um olhar crítico que empodera não só crianças negras, mas promove um enriquecimento cultural presente na diversidade, precisamos contar nossa história, pois, uma história contada de uma perspectiva única, promove um apagamento sistemático e cultural de um povo (Adichie, 2019).

Em seu Mocambo, bem como, em suas ações formativas com as crianças negras, Ivonete valoriza a potencialização da negritude como um instrumento para a construção da autoestima e autoimagem que foi tirada do povo negro. “As crianças aqui do Mocambo, você pode falar que ela é feia, falar o que você quiser! Ela vai dizer: Tô na minha, tô nem aí, entendeu?” (Ivonete, 2024). Esse posicionamento por parte das crianças, ocorre por elas saberem quem são, e saber de suas potências.

Nossa narradora relata um projeto realizado pelo Mocambo, no qual, confeccionaram um kit de apoio antirracista para as escolas, uma sacola bordada, com diversos materiais como, livros de literatura, revista, brinquedos, CDs, entre outras coisas.

Foi isso que a gente fez com as sacolas, né? Ao invés de a gente ficar brigando, a gente montou o kit, porque aí a professora e o professor, eles não têm como falar que a gente tá inventando moda. Tem muita coisa. Alguns falam, mas a gente não conhece. Por que você não conhece? A gente pensa, não conhece porque é racista, só por isso. (Ivonete, 2024)

É possível visualizar a manifestação do racismo estrutural, que se apresenta no discurso da insipiência, quando Ivonete relata que os professores argumentam não conhecer, mesmo havendo uma legislação - Lei 10.639/2003 - que determina que esse conteúdo esteja presente no currículo de todas as escolas de Educação Básica, públicas e, também privadas (Brasil, 2003).

Infelizmente muitos professores ainda pensam que o racismo não existe no Brasil, ou o entendem simplesmente diante de um ato de violência, não compreendendo a sua complexidade, pode se dizer que isso é reflexo do mito da democracia racial (Nascimento, 2016).

Para alguns o racismo se restringe “à realidade dos EUA, ao nazismo de Hitler e ao extinto regime Apartheid na África do Sul” (Gomes, 2000, p. 143). Essa afirmação demonstra um profundo desconhecimento histórico dos professores e, também, uma formação inicial e continuada fragilizada no que condiz às reflexões étnico-raciais.

Na sua entrevista, Ivonete também realiza uma crítica à universidade e denuncia os boicotes que sofreu, “[...] como a FCT costuma fazer, boicota a gente lá dentro o tempo inteiro” (Ivonete, 2024), esse sentimento de bloqueio acompanha o povo preto, é difícil se colocar em espaços, diante de uma sociedade que não o valoriza e o reconhece. Ela nos conta um ocorrido na universidade, a respeito de uma exposição artística.

Então, olha, eu fiz uma retrospectiva lá na biblioteca, né? Eu só aceitei também fazer isso, porque eu já tinha feito uma exposição em 2016 [...] com o dinheiro da minha bolsa. E aí depois eu falei, não faço mais nenhuma sem dinheiro. Aí me ofereceram, quanto você quer? 30 mil! É o valor de uma exposição de arte. Ah, mas isso não dá (falaram). Eu falei, tá, e qual que é o máximo que vocês podem pagar? Ah, a gente pode pagar uns 5 mil por tudo, pela exposição e por mais duas oficinas. E foi o que ficou, né? Fiz a exposição! Depois eu soube que eles pagaram um cachê muito maior pra outro artista, que só foi fazer um show. (Ivonete, 2024)

Essa denúncia não se restringe a FCT/Unesp, mas reflete o racismo presente nos espaços institucionais. Não só a arte e a cultura negra são desvalorizadas na academia, a desvalorização da produção intelectual negra, nas instituições de educação superior, provoca o que Ribeiro (2019) denomina de “epistemicídio da negritude”, perpetuando a universidade como um ambiente racista e eurocêntrico. É preciso desconstruir os discursos hegemônicos e criar espaços de diálogo e problematizações, mas como fazer isso se a universidade não se propõe a problematizar e muitos professores não se dispõem a estudar essa temática? Ivonete em sua fala nos provoca.

Você topa? Ninguém me falou até hoje que topa. Falei, então para de falar besteira, porque você é ignorante, porque não sabe o que você tá falando. E falo pra qualquer professor. E aí professor? Eu já falo, doutorzinho de merda! Porque se você tem um doutorado e não sabe discutir, você é um doutorzinho de merda [...] E vão fazer o quê? Vai jogar na minha cacunda? A minha cacunda tá cheia. (Ivonete, 2024)

Somente por meio do conhecimento e reflexões histórico críticas fundamentadas por propostas palpáveis podem construir uma prática antirracista. Todavia para isso, são necessárias mudanças no seio da universidade. A crítica de Ivonete destaca a necessidade de

a universidade assumir um papel nesse processo transformador, não é possível que essa instituição se coloque neutra, afinal, conforme reflete Carvalho (2020), historicamente é a universidade que tem formado as lideranças que conduzem a nossa sociedade e formam as novas gerações.

Em meio a esse contexto destacamos a relevância do movimento negro nos espaços acadêmicos. A união de docentes, discentes e funcionários é fundamental para se pensar uma universidade mais pluricultural e antirracista, por meio da valorização da negritude e combatendo o racismo institucional.

Nesse sentido, o Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão Universitária (NUPE) pode ser um aliado nessa luta. Ao se referir ao NUPE, Ivonete destaca que é necessário pensar uma estrutura de forma a validar e potencializar suas ações, de modo que ele não fique apenas como um aparato decorativo na universidade.

[...] tem que ter alguém para coordenação dos NUPEs locais. Um professor contratado para isso. Não dá pra ser alguém que já tem um monte de função e acumula mais essa. É uma função de especialidade, que é interdisciplinar. Então quem trabalha com isso tem que fazer interdisciplinaridade com a geografia, matemática, estatística, educação física, pedagogia, computação, química. E pra ela fazer isso, ela precisa ter essa função disponível e ganhar para isso. Para os projetos de relações raciais estarem com essa coordenação. Tem que ter o espaço físico, o professor ou a professora doutora, concursada pra isso e que não acumule com outras funções, porque é uma função que merece. E a universidade é o que é por conta da gente que é preta. (Ivonete, 2024)

Atualmente, o NUPE não realiza denúncias apenas, mas se propõe a contribuir para a construção de uma universidade mais inclusiva e justa, além de promover debates e espaços de acolhimento. Sendo sua presença na universidade essencial para se pensar um ambiente igualitário e acolhedor.

Ao nos falar sobre o movimento negro contemporâneo, na cidade de Presidente Prudente, Ivonete relata algumas ações que ocorrem no município, principalmente movimentos encabeçados pela juventude negra, que dão perspectiva de espaços de transformação.

É, eu acho que os slams dos meninos novos também. Tem o Quilombo de Dandara [...] tem os slams das minas aqui, a Batalha do Vale, são os dois que estão há mais tempo na cena. Mas eu sei que lá no Brasil Novo (bairro) já tem um também, e eu soube que teve algumas apresentações lá. (Ivonete, 2024)

As batalhas de *slam* representam mais do que espaços de apresentação de poesias e encontros da juventude negra, são palco para vozes e criatividade muitas vezes silenciadas. Esses eventos, são celebrações da cultura negra, trocas de vivências e reafirmação da identidade negra. Sendo expressão de resistência e solidariedade entre os participantes. Além dos *slams* questionamos se ela conhecia algum movimento novo que estivesse ocorrendo na cidade.

É, novo que eu saiba não. Eu sei que teve alguns meninos que começaram muito empolgados que iam fazer, que iam acontecer, chegaram a fazer reunião e retrocedeu, não continuaram. As pessoas daqui que se formam vão atrás da própria carreira. E aí a gente tem uma dificuldade muito grande com pessoas especializadas, né? As pessoas que estavam no coletivo, que se formaram, como a Luana, por exemplo, a Sara, que está na sala de aula, a Thais Teles, que foi embora. Então, a Sara eu chamo pra trabalhar comigo, quando eu consigo algum recurso financeiro, porque ela é profissional já. Não dá pra chamá-la pra ser voluntária, né? Então, essa é uma questão. (Ivonete, 2024)

A fala de Ivonete expressa a dificuldade de se articular o movimento negro estudantil, o que levou à pausa na atuação do Coletivo Mãos Negras. Muitas pessoas estão aqui, se envolvem com o movimento negro, porém com a conclusão de seu curso retornam a sua cidade de origem.

Ao longo de sua trajetória de vida, Ivonete mostrou-se resiliente, a militância no movimento negro converge na busca por justiça social e uma sociedade com mais equidade. Sua atuação evidencia a interseccionalidade das lutas, mostrando que o racismo e se apresenta com inúmeras facetas visando a exploração e a marginalização dos vulneráveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resistir! Talvez seja a palavra que mais se faz presente na vida de quem milita e vivência o movimento negro brasileiro. Resistir foi sinônimo de sobreviver, se opor e lutar por um espaço, podemos dizer que os lugares que hoje acessamos são frutos da luta dos que vieram antes de nós e que os passos que damos hoje e as lutas que travamos, abrirão caminhos para os que virão depois.

O percurso de vida de Ivonete nos apresenta a trajetória de uma mulher aguerrida na qual a palavra resistência se faz presente ao longo de sua narrativa. Desde o significado de seu nome, denunciando um apagamento colonialista da sua ancestralidade, e a busca pela

reconexão com essa. Uma educadora, mãe, ambientalista, artista e militante, sempre acreditou que a educação era um instrumento capaz de transformar as realidades, muitas vezes duras, para as pessoas negras.

Em sua vida, foi atravessada diversas vezes pelo racismo, direta e indiretamente, passando por situações difíceis e desmotivadoras. No entanto, seguiu militando e provocando reflexões nos espaços em que acessou, destacando sempre a importância de se articular o pensar e o agir, numa práxis efetiva. Sua trajetória foi marcada pela resistência e pela superação. Expressando, muitas vezes, as dificuldades enfrentadas pela população negra, nas mais diversas esferas da vida em sociedade. E mesmo diante das dificuldades se reinventou e trilhou caminhos possíveis.

Na atuação no Mocambo sempre buscou potencializar as vivências e a autoestima das pessoas negras, principalmente as crianças. Atuando numa perspectiva afrocentrada, tendo em suas ações, sempre o objetivo da valorização da cultura africana e afro-brasileira, buscando valorizar as potencialidades, contribuindo para autoidentificação dos sujeitos com a cultura negra, desconstruindo a imagem negativa que o racismo estrutural propaga sobre a negritude, semeando assim, as belezas de ser negro.

Ela destacou a importância da coletividade e da organização dos movimentos negros, para efetividade na luta antirracista. Em seu percurso acadêmico, relatou as dificuldades de estar num espaço eurocêntrico, que não se abre ao diálogo com as pessoas negras e não valoriza a produção desses sujeitos. Contudo, ela persistiu, não romantizou essa trajetória e nem poupou críticas.

Narrar às vivências de uma mulher como Ivonete faz parte de uma escolha política de nosso grupo de pesquisa, que visa inspirar e provocar em cada um de nós reflexões e ações, evidenciando a importância de resistir, se posicionar e enfrentar as adversidades impostas pelo racismo estrutural. Assim, sua história de vida é exemplo para as novas gerações. É necessário valorizar a negritude, respeitar nossa história, nosso legado cultural, nossos saberes ensinados pela herança ancestral, potencializar as vozes negras e prosseguir na luta por uma sociedade justa, democrática, emancipatória, crítica e equitativa.

Agência de Fomento: Pró-reitoria de Extensão e Cultura/Unesp.

REFERÊNCIAS

Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, Volume Especial "Ocupação Preta: a história de um é a narrativa de todos", pg. 122-145, mar/2025.

ISSN: 2176-5774

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de uma História Única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALESSI, Gil. Por parte de pai, negros escravizados. Por parte de mãe, senhores escravistas. **El país Brasil**. São Paulo, 19 nov. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/15/politica/1573835859_935779.html. Acesso em: 09. out.2024.

ALMEIDA, Mariléa. Território de afetos: práticas femininas antirracistas nos quilombos contemporâneos do Rio de Janeiro. **História Oral**, v. 24(2), p. 293–309. 2021. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0001-6015-3226>. Acesso em: 09 out. 2024.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. Sueli Carneiro (coord.); Jandira, 2021. 264 p.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**: um convite à construção de um Brasil alicerçado na equidade racial. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 10 jan. 2003.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de outubro de 2012**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 30 out. 2012.

CARVALHO, José Jorge. Encontro de Saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNADINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte, MG: 2020, p. 79-106.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **Revista História Oral**, n. 6. 2003. p. 09-25.

GOMES, Nilma Lino. Educação e as relações Raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele (Org.) **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC. 2.ed. 2000, p. 137-149.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 1. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017. 283 p.

MARQUES, Fernanda Telles. À flor da pele: quando uma etnografia da violência escolar encontra o racismo estrutural brasileiro. **Revista de estudios y experiencias en educación**, v.21, nº 46, p. 171-189, 2022.

MEIHY, José Carlos S. B.; RIBEIRO Suzano L. Salgado. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. 232 p.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org). **A matriz africana no mundo**. SP: Selo Negro, 2008.

OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de; BORGES, Roberto Carlos da Silva. Ruth Pinheiro: trajetória de vida e movimento negro contemporâneo no Rio de Janeiro (1948-1988). **Revista do Programa de Pós-Graduação em História**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. v.30-2023, p. 1-17. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90>. Acesso em: 09 out. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1. ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2019.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Aprendendo a ouvir: a história oral testemunhal contra a indiferença. **História Oral**, 16(2), p.129–148, 2013.

SANTOS, Zeni Xavier Siqueira dos; DIAS, Felipe da Veiga. Encarceramento da população negra: Análise do sistema punitivo brasileiro com base na teoria do Labeling Approach e na criminologia crítica. **Revista da Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 15, p. 105-130, 2016. Disponível em: <https://revistadpers.emnuvens.com.br/defensoria/article/view/207>. Acesso em: 22 out. 2024.

SILVA, Yanne Ávila Santos da. **Cárcere-Senzala: A criminalização do povo preto como reflexo do racismo no sistema punitivo do estado brasileiro**, 2020, 59 f. Monografia (Bacharelado em Direito) - Faculdade de Direito da Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2020.

SOUZA, Jessé de. **Subcidadania brasileira: Para entender o país além do jeitinho brasileiro**. Rio de Janeiro. Leya. 2018.

PATRICIO, Pétrus David Sousa; MARTINS, Edson Soares. De Paul a Naná: práticas nominativas de escravizados africanos e suas representações em Toni Morrison e em Marcelo D'Saete. **Revista Odisseia**, Natal, RN, v. 7, n. 2, p. 41-60, jul.-dez. 2022.

REIS, Maria da Conceição dos.; LIMA, Cledson Severino de.; NASCIMENTO, Emerson Raimundo do. Reflexões sobre o paradigma afrocentrado na pós-graduação brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)**, n. 31, p. 119-135. 2020.